

## **O PORTADOR DE ALTAS HABILIDADES E SUA INCLUSÃO NA SOCIEDADE**

---

**Ana Lucia Batista  
Marsyl Bulkool Mettrau**

O presente artigo trata da questão dos portadores de altas habilidades e sua inclusão na sociedade. Os portadores de altas habilidades são sujeitos inquiridores, não conformistas e dotados de grande curiosidade o que propicia dificuldades adaptativas, pois a sociedade é não-convencional, apresentando uma resistência natural às diferenças qualitativamente superiores. Cabe portanto à escola possibilitar a integração deste pequeno grupo ao contexto social e uma das maneiras de fazê-lo é estabelecendo um diálogo com o objeto do conhecimento muito bem propiciado pela Filosofia, a qual predispõe a uma busca de questionamentos e resolução de problemas. Através da Filosofia, os alunos participam ativamente da construção do conhecimento - o que é capaz de tornar o ensino prazeroso e desafiador, desenvolvendo desde muito cedo o exercício do pensar e refletir.

---

### **O PORTADOR DE ALTAS HABILIDADES E SUA INCLUSÃO NA SOCIEDADE**

*"(...) A inteligência não é somente uma propriedade individual, mas um processo relacional entre o indivíduo e seus companheiros, que conhecem e organizam junto as suas ações sobre o meio ambiente."*

*Marsyl Bulkool Mettrau*

Todas as sociedades, nos mais diferentes contextos históricos, têm ou já tiveram indivíduos excepcionalmente superiores em produções, aos quais sempre coube a realização de pequenos e grandes feitos inovadores. Estas produções são resultantes, usualmente, de alto grau de envolvimento e grande motivação direcionada para idéias, fatos ou produtos. Tais indivíduos diferem-se dos demais, não apenas, por possuírem uma capacidade intelectual superior, mas por conjugarem a esta, dois fatores igualmente importante: uma criatividade mais desenvolvida e uma constante automotivação para executar projetos desafiadores.

Ocorre que, devido as suas especificidades, tais pessoas não costumam ser integradas no contexto social sem que antes haja as vezes, conflitos externos significativos, os quais acabam revertendo a elas próprias, contribuindo, sensivelmente, para a diminuição da auto-estima e do equilíbrio emocional. Na verdade, não é a inteligência mais desenvolvida deste grupo que propicia tais dificuldades adaptativas, mas sim, a resistência natural que toda sociedade demonstra para com o não-convencional. É como se mesmo diferenças qualitativamente superiores e mais apuradas destoassem de toda uma harmonia, digamos, homogeneidade social, que assegura a manutenção das estruturas estabelecidas. Eis aí a razão precípua da exclusão social que vitimiza todas as minorias - sobretudo aquelas que são per naturam, irreverentes, desafiadoras e criativas tanto em pensamento, ações ou produções pois estes atributos contemplam qualquer área do saber ou do fazer (Mettrau, 1995).

Cabe, portanto, à escola possibilitar a integração deste pequeno grupo à amplitude do contexto social endógeno e exógeno, tendo, sempre em mente, a certeza de que a inteligência mais desenvolvida de alguém poderá, se convenientemente estimulada, contribuir para o enriquecimento de todos.

Segundo Antipoff (1992, p.45):

*"Na filosofia educacional dos bem-dotados, regras, regulamentos e programas pré-fabricados não têm vez. É necessário dar-lhes oportunidade para descobertas, experiências e confrontações, e haverá então o inverso daquilo que se faz até hoje: serão eles que mostrarão, através de suas manifestações, aquilo que devemos oferecer-lhes."*

Enquanto a maioria das pessoas consegue, num dado momento, reduzir sua necessidade de conhecer (o que até parece ajudá-las na escolha profissional, por haver aí uma certa linearidade), o portador de altas habilidades é um canal aberto em todas as direções, ávido por apreender o real na sua totalidade, ainda que também exista nele, uma ou mais áreas de interesses específicos, às quais se faça necessário uma dedicação especial.

Na verdade, o portador de altas habilidades consegue, pela sua disposição interna tão unívoca e particular, conjugar interesse aparentemente díspares e contraditórios mediante uma simplificação mental que em nada é reducionista ou simplória; ao invés, esta lhe possibilita a convergência de uma imensa variedade de interesses específicos que se entrecruzam, conduzindo-o a um único e precípua objetivo que o manterá constantemente envolvido com as tarefas às quais se dispuser.

Segundo Renzulli (1985), o envolvimento com a tarefa é um dos traços característicos dos portadores de altas habilidades. Somados a isto, a criatividade e a capacidade acima da média são, no conjunto, as três características que identificam quem se enquadra nesse grupo. Pensamos, pois, a partir desta referencial teórico, que a mola propulsora deste envolvimento, desta imersão em algo do seu extremo interesse, é, para o portador de altas habilidades, consequência direta do seu modo bastante peculiar de perceber o mundo: nada do que aqui existe está para além de novas interpretações; isto é, nada está acabado e/ou definido. Logo, esta curiosidade insaciável consegue de tal modo prender este indivíduo aos seus objetivos que, mediante persistência e muita determinação, se-lhe torna possível auferir notáveis realizações de seu empenho.

### **FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UMA PARCERIA**

"A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que buscam a significação de significados." Paulo Freire

Na visão de Aristóteles, a filosofia tem início com a admiração. Somente quando o homem se depara com o mistério é que ele se sente impelido a averiguar, a questionar, a estar de tal maneira aberto para o real a ponto de jamais se iludir com conceitos já cristalizados pela tradição. Esta é a verdadeira atitude filosófica: saber que o conhecimento de algo nunca é plenamente adquirido. Nada está pronto e/ou definido como verdade absoluta, sendo portanto necessário uma postura não de reverência diante do saber, mas sim de dúvida e um diálogo com tudo aquilo que se pretende aprender e/ou ensinar.

Partindo deste pressupostos, Matthew Lipman concluiu que através de um trabalho sistemático com filosofia para crianças, tornar-se-ia possível solucionar muitos problemas enfrentados por estudantes secundaristas e universitários, no que tange ao puro e simples exercício do pensamento em suas múltiplas instâncias. Tais dificuldades não se restringem apenas ao aprendizado da Lógica, mas abrangem desde as ciências exatas até disciplinas humanísticas como História, Geografia e Literatura entre outras. Tudo isto porque os alunos, nas diferentes etapas da sua formação educacional, raramente são motivados a pensar por si mesmos, a duvidar do incontestável e a partir daí tirar suas próprias conclusões. Em suma: os alunos não são encorajados a expor suas idéias, seus argumentos e inferências simplesmente por não haver espaço para o diálogo na construção do conhecimento dentro dos moldes tradicionais, uma vez que tal construção não é pensada como sendo coletiva e relacional.

A sala de aula transformada em uma comunidade de investigação é um espaço aberto a trocas e à participação coletiva dos alunos, indistintamente, visto todos se sentirem co-partícipes de um grupo onde ninguém - nem o professor - é possuidor da Verdade, mas cada um contribui com sua parcela individual para o crescimento da comunidade filosófica enquanto totalidade.

Este era o método de Sócrates por excelência. Para ele só havia filosofia mediante debates. Nisto consistia a maiêutica, tão praticada na pólis grega a fim de desenvolver o pensamento e agilizar o raciocínio lógico dos aprendizes.

Não é nosso intento, contudo, criticar o papel que a escola representa na sociedade e na vida de cada um. Entretanto, cremos, embasados na nossa própria experiência, que na tentativa de homogeneizar os alunos, tratando-os sempre de igual modo, desconsiderando as necessidades diferenciadas de cada um, a escola termina, muitas vezes, por sufocar o que poderia constituir um grande talento, caso houvesse encontrado um ambiente propício ao seu desenvolvimento.

Segundo De Bono (1993, p.20):

*"A educação não está realmente preocupada com o progresso: seu propósito é tornar disponíveis, da forma mais ampla possível, conhecimentos que pareçam ser úteis. Ela é comunicativa, não criativa."*

É justamente este o motivo que leva muitos alunos - principalmente os que requerem uma atenção especial - à resistência explícita ao aprendizado escolar. É surpreendente, contudo, que muitos destes indivíduos demonstrem ter alta potencialidade no desempenho de tarefas que, de fato, lhes interessam (o que ressalta, para nós, a importância do prazer como viabilizador do aprender).

Todos sabemos e concordamos que a verdadeira aprendizagem só se faz mediante afetividade. Quanto mais familiarizados estiverem os alunos com o que lhes for ensinado, maior será seu nível de apreensão, haja vista as articulações que poderão fazer entre as suas vivências individuais e o conteúdo disciplinar propriamente dito.

Consideramos que o portador de altas habilidades é, por sua própria constituição interna, um sujeito inquiridor, não-conformista e dotado de grande curiosidade. Contudo, cristalizou-se no meio social o hábito de não contestar, de não perguntar e de aceitar, sempre de forma passiva e pouco crítica, tudo aquilo que já tem uma definição. É como se tais conceitos pudessem extirpar a dúvida e

assim estabelecer a certeza da verdade.

Pensamos, pois que este princípio que impulsionou a ciência a constantes e inesgotáveis respostas as suas questões mais cruciais, é simplesmente algo que o ser humano perde, à medida que amadurece e se reveste de conceitos e idéias definidas: a curiosidade. O diferente é que alguns, a despeito de todas estas dificuldades, mantém sua intensa curiosidade que é saudável e desejável.

O portador de altas habilidades, contudo, por conseguir manter vívida a curiosidade dos primeiros anos de vida, não mede esforços para obter o máximo possível de respostas às suas dúvidas mais intrínsecas, as quais suscitarão, mais e mais dúvidas, e nenhuma certeza inquestionável. Por isto dizemos que tal indivíduo possui uma ingenuidade que, filosoficamente pode ser pensada como um desprovemento de convicções e juízos diante do real; ou seja, o portador de altas habilidades consegue estabelecer um diálogo com o próprio objeto do conhecimento, por já estar ele, naturalmente, aberto à total apreensão do mesmo. Enquanto a maioria dos indivíduos não se acha na disponibilidade de imergir naquilo que deseja conhecer, o portador de altas habilidades jamais se contenta com apenas um modo de apreensão do que lhe interessa; antes sente-se impelido a perquirir com intensa voracidade, todos os viéses daquilo que lhe ocupa a mente. Esta atitude natural e necessária transparece, muitas vezes nos grupos, como ironia, exibição, contestação inútil, etc.

Somos levados a inferir, portanto, que o portador de altas habilidades traz em si mesmo uma predisposição que é própria da natureza do conhecimento filosófico: uma busca insaciável e automotivada de soluções para problemas tão instigantes quanto complexos. Esta busca, para tal indivíduo, dá-se de modo a absorvê-lo completamente no seu objetivo de des-velar o que ainda possa estar imperceptível aos olhos da maioria. Pois quem possui altas habilidades consegue enxergar minudências que o ajudam a ver um pouco mais além facilitando oferecer novas soluções.

Contudo, segundo Mettrau (1998, p.64):

*"É necessário, (...) que se oportunizem e se encorajem todas as diferentes expressões da inteligência em todas as pessoas. Estar ou ser superdotado é otimizar, ao máximo, todas as potencialidades que se possui."*

Cabe, portanto à sociedade não permitir que a inteligência, em suas múltiplas facetas, seja desperdiçada por não receber a estimulação mais conveniente, pois: "as possibilidades humanas são muito maiores do que em geral se acredita"(Schiff, 1994, p.XXV). Quer sejam ou não portadores de altas habilidades, todos precisam ser encorajados a dar o melhor de si mesmos para a criação de um espaço integrador das diferenças e semelhanças do homem enquanto sujeito criador e criativo.

## **CONCLUSÃO**

Nossa proposta, com a realização desta publicação é sugerir, uma nova metodologia pedagógica viável e compatível com o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas, em todas as suas possíveis manifestações. Como educadores, sabemos que os modelos de ensino vigentes em muito pouco têm demonstrado proficiência no que tange à expansão das capacidades individuais, sobretudo quando o que temos em vista é uma demanda cada vez mais crescente de indivíduos com funcionamento diferenciado. Os métodos de ensino tradicionais, simplesmente não tem conseguido prover estes alunos de uma adequada estimulação dos seus talentos e uma favorável integração social que os capacitem a contribuir, ao nível das suas aptidões pessoais, para o benefício da coletividade.

Pensamos que, tanto a escola quanto a família são, a priori, as principais responsáveis pelo mau uso que os jovens são, freqüentemente levados a fazer, das suas capacidades. Quando isto não ocorre, uma infinidade de outros problemas (de âmbito psico-afetivo) tende a solapar o que poderia se constituir uma grande predisposição criadora e criativa. Assim sendo, perde-se uma gama inumerável de talentos que, provavelmente nunca serão desenvolvidos por não lograrem o reconhecimento social tão necessário à sua plenitude de expressão.

Julgamos, pois, que unicamente uma completa reformulação educacional poderá prover meios adequados a uma mudança na representação social do indivíduo, à qual viabilize um auto-exame de tal ordem, que o impulsione a dar o melhor de si mesmo naquilo que ousar fazer. Somente quando plenamente seguro da sua própria capacidade, pode alguém projetar a excelência dos resultados que deseja; quando, sob um errôneo conceito de humildade, os mais valiosos talentos são camuflados, disfarçados em mediocridade a fim de não destoarem daquilo que é esperado pelo sistema, tudo o que se consegue produzir são pessoas contraproducentes e insatisfeitas consigo mesmas.

Reside aqui, ao nosso ver, o telos de uma verdadeira educação: capacitar os indivíduos a esta tomada de consciência daquilo que são e têm de mais valioso, belo e produtivo. Acreditamos que as realizações pessoais vêm a posteriori, sempre de acordo com o nível do autoconceito individual. Acreditamos também que uma prática educacional que, em vez de estimular, de encorajar os alunos frente aos desafios da vida prática, nada tem, na verdade de educativa (entendendo-se por educação o ato de desenvolver, de fazer jorrar aquilo que reside no âmago de cada ser humano individualmente).

Logo, é função principal da escola formar cidadãos conscientes e com o devido preparo técnico e emocional para a mais completa inserção no contexto social.

Através da Filosofia praticada e compartilhada em sala de aula, julgamos que todos os alunos, a despeito dos seus interesses e/ou ritmos de aprendizagem, terão a possibilidade de participar ativamente da construção do conhecimento - o que unicamente é capaz de tornar o ensino prazeroso e desafiador. cremos, portanto, que apenas mediante uma proposta educacional cujo cerne seja o diálogo interativo como estimulador das habilidades de pensamento, estaremos, de fato, contribuindo para a expressão, bem como para o aprimoramento, das mais diversas capacidades humanas.

Entretanto, ainda que enfatizemos a necessidade de prover a todos os alunos, indistintamente, uma adequada estimulação das suas potencialidades através da prática da Filosofia na sala de aula, somos abrigados a reconhecer que tal atitude docente requer uma mudança nos paradigmas educacionais, pois não se trata de uma simples questão metodológica; antes, porém, trata-se de reconhecer que: a) o mestre não é o detentor absoluto do saber; b) aprender não requer uma reverência ao saber; aprende-se mais e melhor mediante interação; c) o diálogo é o grande estimulador das habilidades de pensamento.; d) todos podem contribuir significativamente com aquilo que têm de melhor e mais desenvolvido; e) todos os professores de qualquer disciplina e/ou série, podem criar comunidades investigativas, através do estímulo à livre participação dos alunos na aquisição coletiva do conhecimento.

No caso específico dos alunos portadores de altas habilidades, reconhecemos que tais medidas pedagógicas abrem o caminho a nós, professores, para que possamos oferecer-lhes aquilo que realmente eles esperam obter, ao nível das suas potencialidades. Contudo, é necessário que adotemos uma postura de total disponibilidade e abertura, a fim de que sejam capazes de permitir que eles mesmos nos dêem as coordenadas.

Aí está o cerne dos problemas na educação tradicional: os alunos não são preparados para ser cidadãos com autonomia intelectual, dotados de espírito crítico e inquiridor, uma vez que a escola não abre um verdadeiro espaço para o compartilhamento de experiências através do diálogo, em que todos sejam encorajados a contribuir, com suas vivências individuais, para o enriquecimento do grupo (Kohan, 1999, p. 86, 101-108).

Sem dúvida alguma, o professor deve estar preparado para estimular os alunos a expôr livremente suas idéias numa perspectiva dialógica, que tanto possibilite trocas entre os colegas discentes, como também destes com o professor. Este é o pressuposto básico para a transformação da sala de aula tradicional em uma comunidade investigativa na qual todos participem, independentemente das diferenças individuais, da aquisição do conhecimento.

A proposta de Matthew Lipman visa justamente, a realização deste objetivo: fazer da escola um lugar que suscite dúvidas capazes de incitar os alunos a não se conformarem com nada que esteja aparentemente pronto. Na aquisição de conhecimentos (provisórios!), o aluno é valorizado como um ser único, possuidor de uma história e de um contexto, bem como de um ethos próprio que estará sempre em consonância com seu temperamento, habilidades e interesses individuais. Não existe nesta proposta uma superioridade de saberes, uma vez que aquilo que cada um traz em si é tão valorizado quanto aquilo que se aprende na sala de aula. Há, na verdade, uma troca de experiências bastante enriquecedora para cada uma das partes aí imbricadas. O professor aprende com seus alunos, e estes aprendem com o professor. As experiências diferenciadas se complementam e todos saem ganhando, pois tanto o aprender quanto o ensinar passam a ser meio e fim de prazer.

Segundo Lipman (1988, p.35):

"Por ser a filosofia a disciplina que melhor nos prepara para pensar nos termos das outras disciplinas, tem de lhe ser dado um papel central nos estágios iniciais (assim como nos posteriores) do processo educacional."

Isto explica a razão do seu interesse em desenvolver a prática filosófica com crianças, a fim de habituá-las, desde muito cedo, ao exercício do pensar sistematizado através do uso adequado do raciocínio, uma vez constatado que grande parte das dificuldades no aprendizado deve-se à falta de estimulação cognitiva, bem como de motivação ao cultivo das habilidades de pensamento, tão constantes nos modelos de ensino tradicionais.

Significa, portanto, que sem situações-problema a inteligência não encontra meios para se desenvolver. É a supervalorização da memorização, das respostas sempre conformes dos alunos, que vêm a conferir-lhes o status de alunos-padrão, em detrimento da sua real capacidade de resolver problemas e de refletir sobre eles. Instaura-se aí uma verdadeira confusão de significados entre inteligência e reprodução conceitual. E o aluno-brilhante, muitas vezes, passa a ser aquele que segue fidedignamente, os passos do mestre, o que não necessariamente, verdade, sem jamais ousar divergir por nunca ter-se sentido capaz de cultivar suas próprias idéias.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTIPOFF, H. A educação do Bem Dotado. Rio de Janeiro: SENAI. 1992.

DE BONO, E. O Pensamento Lateral. Rio de Janeiro: Record. 1993.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

FREIRE, P. & GUIMARÃES, S. Sobre Educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GREGORY, R. Vendo a Inteligência. In: Jean Khalfa (Org.). A Natureza da Inteligência. São Paulo: UNESP. 1994.

KOHAN, W. O. & WAKSMAN, V. (Orgs.) Filosofia para crianças - Na Prática Escolar. Rio de Janeiro: VOZES. 1999.

LIMA, L. O. A escola no futuro. Rio de Janeiro: José Olympio 1974.

LIPMAN, M. A Filosofia vai à escola. Petrópolis: VOZES. 1995.

Mc DONALD, Brendan C. Reflexões Sobre Inteligência. Revista Educacional em Debate. Fortaleza, ano 20, nº 36, p.103-112. 1993.

METTRAU, M. B. Reflexões atuais sobre inteligência, criatividade, altas habilidades e a relação professor-aluno. Revista Vertentes. Fundação de Ensino Superior de São João Del Rey. Minas Gerais. Nº 11. P. 61-68. jan/jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Nos bastidores da inteligência. Rio de Janeiro: SR3-Departamento de Extensão/UERJ, 1995b.

METTRAU, M. B. e ALMEIDA, L. S. A educação da criança superdotada: a necessidade social de um atendimento diferenciado. Revista Portuguesa de Educação. Nº 1 e 2. P.5-13. 1994.

RENZULLI, J. Modelo Triádico da Superdotação. In: Los Niños Superdotados Aspectos Psicológicos Y Pedagógicos. Joan Freeman: Santillana. 1985.

SCHIFF, M. A inteligência desperdiçada. Desigualdade social, injustiça escolar. (Trad.: Walkiria Settineri, 1993). Ed. Artes Médicas. Porto Alegre. 1994.

---

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2001 - Nº 18 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**